

**AUTORES:**

Soraya D. G. Santos <sup>1</sup>  
 Stephanie P. Gomes <sup>1</sup>  
 Neiza de L. F. Fumes <sup>1</sup>  
 José Pedro Ferreira <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alagoas/  
 Maceió, Brasil

<sup>2</sup> Faculdade de Ciências do Desporto  
 e Educação Física da Universidade de  
 Coimbra, Portugal

## Retrato da formação e da experiência pedagógica dos professores do curso de graduação em Educação Física no Estado de Alagoas/ Brasil: Inclusão em foco

**PALAVRAS CHAVE:**

Educação Física. Formação de professores.  
 Prática pedagógica de professores.  
 Inclusão no ensino superior.

**RESUMO**

A inclusão de alunos com deficiência requer professores da educação superior preparados para promover sua aprendizagem e participação. Dessa forma, o estudo teve como objetivo fazer um retrato da formação e da experiência pedagógica dos professores do curso de graduação em Educação Física no estado de Alagoas/ Brasil face ao processo de inclusão. A amostra foi constituída por 76 professores de 6 instituições de Ensino Superior do Estado de Alagoas/ Brasil. O instrumento de coleta de dados foi um questionário com perguntas fechadas e abertas. Para análise dos dados recorreremos à estatística descritiva. Constatamos que 47.4% dos docentes não possuíam formação específica para atender o aluno com deficiência. 72.4% dos docentes relataram não possuir formação em Educação Especial fora do contexto acadêmico, o que acarretava um sentimento de falta de competência percebida (30.3%) e falta de experiência para lidar com o aluno com deficiência (19.7%). As reflexões realizadas tem intenção de contribuir para que a formação do docente universitário seja mais sistematizada dialogando com outros estudos e com os desafios impostos pelas práticas.

Portrait of the training  
 and pedagogical experience  
 of the teachers of the graduation  
 in Physical Education in the  
 State of Alagoas/ Brazil:  
 a focus on Inclusion

**ABSTRACT**

The inclusion of students with disabilities requires teachers of higher education able to promote their learning and participation. In this way, the study aimed to make a portrait of training and pedagogical experience of teachers of undergraduate course in physical education in the State of Alagoas/Brazil in relation to the process of inclusion. The sample consisted of 76 teachers of 6 institutions of higher education of the State of Alagoas/Brazil. The data collection instrument was a questionnaire with closed and open questions. For data analysis we used the descriptive statistics. We found that the 47.4% of the professors had no specific training to meet the disabled student. 72.4% of teachers reported do not have training in Special Education outside the academic context, which brought on a feeling of lack of perceived competence (30.3%) and lack of experience in dealing with the disabled student (19.7%). The reflections undertaken intends to contribute to the formation of the University lecturer will be more systematized dialoguing with other studies and with the challenges posed by the practice.

**KEY WORDS:**

Physical Education. Teacher training.  
 Pedagogical practice of teachers of teachers.  
 Inclusion in higher education.

## INTRODUÇÃO

Profissionalizar a universidade e desenvolver a formação profissional dos que nela atuam é uma preocupação relativamente recente no Brasil. Até muito pouco tempo, percebia-se a docência universitária, exclusivamente, sustentada nos saberes dos campos profissionais e científicos dos professores, com a sua autoridade respaldada por uma hierarquia inquestionável existentes nas instituições que, por sua vez, legitimavam a cultura estabelecida <sup>1</sup>.

Esse cenário é instigante para analisar o caso dos “jovens” recém-doutores e/ou mestres que ocorrem à carreira docente, nestes tempos de expansão da educação superior, na expectativa de encontrar um espaço de profissionalização. Realizaram seus cursos de mestrado e doutorado, aprendendo a trajetória da pesquisa e, em geral, aprofundaram um tema de estudo verticalmente, num processo progressivo de especialização. Quando se incorporam à educação superior, descobrem que deles se exige uma gama maior de saberes, em especial para o exercício da docência, para o qual, na maioria das vezes, não estão preparados <sup>2</sup>.

Essa realidade da formação pedagógica acometeu, também, os professores do curso de Educação Física da Educação Superior. Sabemos que o histórico da formação dos professores de Educação Física foi evidentemente técnico, competitivo e pouco pedagógico, assim é patente a necessidade dessa área fortalecer seus conhecimentos para o exercício da docência <sup>3</sup>.

O conceito de formação é amplo e requer muita atenção quando se trata de pontos específicos como é o caso da pessoa com deficiência. Muitos professores de Educação Física não receberam, em sua formação, conteúdos relativos à inclusão ou à pessoa com deficiência, particularmente aqueles formados até ao final da década de 80. Deste modo a maioria não acredita ter conhecimentos suficientes para incluir em suas aulas alunos com deficiência. Isto aconteceu porque a disciplina Educação Física Adaptada começou a ser incluída nos currículos dos cursos de graduação a partir da aprovação da Resolução 03/874, do Conselho Federal de Educação, que tornou a formação deste professor de Educação Física mais humanística e menos técnica, como ainda prevê a sua atuação com o aluno com deficiência.

De um modo geral, a formação para a docência universitária foi fortemente influenciada pelo paradigma da racionalidade técnica, incorporando a ideia de que uma disciplina pedagógica, ou a transposição de teorias para os professores, seria a formação necessária e o suficiente para deixá-los aptos a “dar uma boa aula”, o que equivaleria à formação para a docência universitária <sup>5</sup>.

Brancatti <sup>6</sup> reforça essa ideia afirmando que uma disciplina específica em um curso tem papel fundamental em auxiliar e informar sobre seus objetivos, mas cabe ao curso e às demais disciplinas técnicas e práticas abordarem em seus conteúdos, pontos importantes que reflitam a realidade das pessoas com deficiência.

À formação para o exercício profissional em Educação Física, oferecida em nível de graduação, necessita do envolvimento das demais disciplinas que compõem o referido curso – nas discussões relativas ao atendimento prestado as pessoas com deficiência – contribuindo para adensar a competência profissional almejada <sup>7</sup>.

Há a necessidade de uma reforma coletiva de pensamento na área educacional e na sociedade, como explica Mantoan <sup>8</sup>. Essa reforma significa uma articulação de apoio mútuo em que o auxílio e a compreensão por intermédio de estudos em conjunto e de organização da educação diante da nova realidade, visto que a formação inicial historicamente mostrou-se frágil nessa área. Caso o curso Educação Física continue insistindo em um modelo individualista de pensar, a segregação e o isolamento dos professores debilita qualquer tentativa de inclusão <sup>9</sup>.

Nogueira e Nogueira <sup>10</sup> consideram que para os docentes da educação superior lidar com a inclusão de alunos com deficiência é preciso não só predisposição para lidar com o novo, mas, supostamente, um reaprender a olhar sobre: o que se ensina, como se ensina; o que se aprende, como se aprende; o que partilhar, como partilhar; o que sentir, como sentir; o que esperar, por que esperar; o que devo fazer, como fazer; o que é meu, o que não é meu; até onde posso ir; até onde quero ir.

Desta forma, o presente estudo <sup>1</sup> teve como objetivo fazer um retrato da formação e da experiência pedagógica dos professores de cursos de graduação em Educação Física no Estado de Alagoas/Brasil face ao processo de inclusão de forma a identificar as suas lacunas visando um contributo para a melhoria de qualidade da formação oferecida.

## METODOLOGIA

### PARTICIPANTES

Os participantes do estudo foi constituído por 76 professores de cursos de graduação em Educação Física (licenciatura e/ou bacharelado), 57,9% (n= 44) do sexo masculino (M=41,75 e DP=10,42) e 42,1% (n= 32) do sexo feminino (M=43,59 e DP=10,19), de 6 Instituições de Ensino Superior-IES do Estado de Alagoas/ Brasil, sendo 1 pública (localizada na capital e no interior de Alagoas) e 5 privadas (três localizadas na capital de Alagoas e duas no interior de Alagoas). Quanto à faixa etária os participantes da pesquisa possuíam uma amplitude compreendida entre um valor mínimo de 24 anos e máximo de 66 anos. Constatamos que 44,7% (n=34) dos inquiridos apresentavam o grau de mestre, 39,5%

1 — Essa primeira etapa do estudo, já concluída, é parte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida, também, com as Universidades Portuguesas, que tem como objetivo avaliar as atitudes dos professores do curso de graduação em Educação Física face ao ensino de alunos com deficiência.

(n=30) possuíam apenas curso de especialização<sup>2</sup>, enquanto que 14, 5 % (n=11) possuíam o grau de doutor, 1,3% (n=1) possuía o grau de pós-doutorado. Foi possível verificar que 32,9% (n=25) dos investigados apresentavam um tempo de serviço docente entre 6 meses - 5 anos, 21% (n=16) apresentava um tempo de serviço entre 6-10 anos (n=16), enquanto que 17,1% (n=13) apresentava um tempo de serviço entre 11-15 anos. Por último, 7,9% dos inqueridos apresentavam tempos de serviço de 16-20 (n=6), 21-25 (n=6) e mais de 26 anos (n=6), respectivamente. Quatro participantes, ou seja, 5,3% (n=4) da amostra não responderam a questão formulada.

## INSTRUMENTO

Utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário com 12 perguntas (fechadas e abertas). Esse questionário permite entender a formação e experiência dos docentes dos cursos de graduação em Educação Física. Foram selecionados aspectos relacionados aos dados biográficos (gênero e idade) e aos dados profissionais (anos de serviço, ano de escolaridade que lecionam, habilitações acadêmicas, formação em Educação Especial, experiência no ensino de indivíduos com deficiência, qualidade de experiência e competência percebida para intervir com alunos com deficiência nas aulas de Educação Física.

## PROCEDIMENTOS

Para iniciarmos o estudo entramos em contato com as coordenações dos cursos de Educação Física, foram feitos os devidos esclarecimentos: dos objetivos e do anonimato da pesquisa. Após consentimento de todas as coordenações, entramos em contato com os professores (presencial e via email) e a seguir o questionário foi entregue aos docentes que aceitaram participar da pesquisa. Destacamos que isso somente aconteceu após os docentes tomarem conhecimentos dos objetivos da pesquisa, riscos, benefícios, entre outros aspectos, conforme orientado pela Resolução nº. 466/2012 sobre pesquisas com seres humanos, como ainda terem assinado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE<sup>3</sup>.

A coleta de dados decorreu entre outubro e dezembro de 2013. A análise dos dados utilizou a estatística descritiva e os dados foram organizados em tabelas de frequências e respectivos valores percentuais.

2 — Especialização é um curso de pós-graduação lato sensu que, no Brasil, deve ter a duração mínima de 360 horas BRASIL (2014)<sup>11</sup>.

3 — Esse estudo tem aprovação da Plataforma Brasil, com o número do parecer: 439.400.

## RESULTADOS

Apresentaremos a seguir sete tabelas relativas a: formação acadêmica dos professores de Educação Física em Educação Especial, a formação dos professores de Educação Física em Educação Especial fora do seu contexto acadêmico; a experiência dos professores Educação Física face ao ensino de alunos com deficiência; a condição de deficiência dos alunos a quem os profissionais haviam lecionado nas suas aulas de Educação Física; o tempo de experiência dos docentes de Educação Física no ensino a alunos com deficiência; à qualidade da experiência dos professores de Educação Física face a inclusão do aluno com deficiência nas Instituições de Educação Superior.

A tabela 1 apresenta os valores relativos a formação acadêmica dos docentes de Educação Física referente a temática de Educação Especial.

TABELA 1 — Formação acadêmica em Educação Especial

FORMAÇÃO ACADÊMICA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL	N	(%)
SIM	40	52,6
NÃO	36	47,4
TOTAL	76	100

Dos 76 participantes do estudo, 52,6% (n=40) professores afirmaram possuir algum tipo de formação em Educação Especial obtido ao longo de sua vida acadêmica, enquanto que 47,4% (n=36) dos professores responderam que não possuíam qualquer formação acadêmica em Educação Especial.

A tabela 2 caracteriza os valores relativos a formação dos docentes de Educação Física em Educação Especial fora do seu contexto acadêmico.

TABELA 2 — Formação em Educação Especial fora do contexto acadêmico

FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL FORA DO CONTEXTO ACADÊMICO	N	(%)
SIM	21	27,6
NÃO	55	72,4
TOTAL	76	100

Averiguamos que 72,4% (n=55) dos docentes relataram não ter recebido/participado de formação em Educação Especial fora do contexto acadêmico enquanto que 27,6 % (n=21) dos docentes afirmaram possuir formação em Educação Especial.

A tabela 3 apresenta os valores relativos a experiência dos professores Educação Física face ao ensino de alunos com deficiência em suas aulas.

TABELA 3 — Experiência com alunos com deficiência

EXPERIÊNCIA COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	N	(%)
SIM	47	61,8
NÃO	29	38,2
TOTAL	76	100

Quando inqueridos quanto à experiência com alunos com deficiência 61,8% (n=47) confirmaram possuir experiência com aluno com deficiência em suas aulas no curso de Educação Física, enquanto que 38,2% (n=29) afirmaram não ter esta experiência com o aluno com deficiência.

A tabela 4 apresenta os valores relativos à condição de deficiência dos alunos a quem os profissionais haviam lecionado nas suas aulas de Educação Física.

TABELA 4 — Condição de deficiência

CONDIÇÃO DE DEFICIÊNCIA	N	%
FÍSICA	23	30,3
VISUAL	14	18,4
AUDITIVA	25	32,9
INTELECTUAL	14	18,4
SEM RESPOSTA	24	31,6
TOTAL	100	131,6

É fundamental esclarecer que vários dos docentes inqueridos assinalaram mais do que um tipo de deficiência. Desta forma, a frequência de respostas a esta questão é superior aos 76 participantes no estudo.

Os resultados obtidos demonstraram que 32,9% (n=25) dos alunos dos docentes que lecionavam a alunos com deficiência apresentavam deficiência auditiva, 30,3% (n=23) apresentavam deficiência física, 18,4% possuíam deficiência visual (n=14) e deficiência intelectual (n=14), respectivamente. Por último, 31,6% (n=24) dos professores não responderam a essa questão, uma vez que não possuíam experiência alguma de lecionar para alunos com deficiência nos cursos superiores de Educação Física.

Os valores relativos ao tempo de experiência dos docentes no ensino a alunos com deficiência são apresentados na tabela 5.

TABELA 5 — Tempo de experiência de ensino a alunos com deficiência

TEMPO DE EXPERIÊNCIA DE ENSINO A ALUNOS COM DEFICIÊNCIA	N	(%)
1 A 5 ANOS	43	56,6
6 A 10 ANOS	4	5,3
+ DE 11 ANOS	2	2,6
SEM RESPOSTA	27	35,5
TOTAL	76	100

Do universo de 76 docentes dos cursos de graduação em Educação Física 56,6% (n=43) professores relataram possuir de 1 a 5 anos de experiência de ensino a alunos com deficiência nas suas aulas, 5,3% (n=4) docentes possuíam 6 a 10 anos de ensino a alunos com deficiência e 2,6% (n=2) possuíam mais que 11 anos de experiência em lecionar para alunos com deficiência. O restante 35,5% (n=27) dos docentes não responderam a esta questão, uma vez que nunca lecionaram, nem tão pouco possuíam experiência com alunos com deficiência em suas aulas nos curso de Educação Física da Educação Superior.

A tabela 6 apresenta os valores relativos à qualidade da experiência dos professores de Educação Física face a inclusão do aluno com deficiência nas Instituições de Educação Superior.

TABELA 6 — Qualidade da experiência

QUALIDADE DA EXPERIÊNCIA	N	(%)
SEM EXPERIÊNCIA	23	30,3
NADA POSITIVA	2	2,6
SATISFATÓRIA	30	39,5
MUITO POSITIVA	18	23,7
SEM RESPOSTA	3	3,9
TOTAL	76	100

No presente estudo, 39,5% (n=30) docentes classificaram como Satisfatória a qualidade de sua experiência. Por outro lado, 30,3% (n=23) docentes assinalaram a categoria Sem Experiência visto que a maioria nunca lecionou para alunos com deficiência em suas aulas de Educação Física e os poucos que lecionavam não se sentiam preparados para esta prática pedagógica. Uma experiência de qualidade Muito Positiva é assinalada por 23,7% (n=18) dos professores, enquanto que 2,6% (n=2) professores relataram como Nada Positiva a qualidade de sua experiência. Por fim, tivemos 3,9% (n=3) dos docentes que não responderam a esta questão.

A tabela 7 apresenta os valores obtidos sobre a competência percebida dos professores de Educação Física para intervir com alunos com deficiência.

TABELA 7 — Competência percebida

COMPETÊNCIA PERCEBIDA	N	(%)
NADA COMPETENTE	15	19,7
COM ALGUMA COMPETÊNCIA	45	59,2
MUITO COMPETENTE	6	7,9
SEM RESPOSTA	10	13,2
TOTAL	76	100

No que diz respeito à competência percebida 59,2% (n=45) docentes consideravam-se Com Alguma Competência para intervir com alunos com deficiência nas suas aulas de Educação Física, enquanto que 19,5% (n= 15) consideravam-se Nada Competente para esse tipo de intervenção. Apenas 7,9% (n=6) docentes consideraram a sua forma de intervenção como sendo Muito Competente. Dez professores (13,2%) não responderam à questão.

## DISCUSSÃO

Os resultados obtidos permitem constatar que é preocupante a condição formativa oferecida nas instituições de ensino superior no que se refere à formação acadêmica dos professores de Educação Física relativa a Educação Especial. Nesse estudo verificamos que 47,4% dos docentes não possuíam qualquer formação acadêmica nessa temática (tabela 1).

Por mais que percebamos avanços no campo das formações dos professores de Educação Física, há urgência em se repensar uma mudança em seu currículo, principalmente para as temáticas relacionadas a inclusão. A transformação no currículo proporcionará aos professores ferramentas para favorecer o aprendizado de cada indivíduo no grupo, repetindo as suas potencialidades e fragilidades<sup>9</sup>, talvez quebrando com padrões consagrados há mais de um século.

Quando os docentes foram questionados sobre suas participações em formações relacionadas a Educação Especial fora do contexto acadêmico, averiguamos que mais da metade dos professores de Educação Física (72,4%) relataram não ter recebido/participado dessas formações (tabela 2).

Esta realidade é preocupante se pararmos para analisar que pouquíssimos professores universitários, ao longo de sua trajetória como docente teve uma formação específica nesta área, acarretando com isso um sentimento de insegurança e dificuldade em lidar com a diversidade<sup>12</sup>.

É preciso ressaltar que a formação não se encerra na formação inicial, oferecida pelos cursos de graduação. A mesma deve ser continuada e em serviço. Essa questão, além de ser importante, também é inquietante, devido à necessidade do educador buscar alternativas que visem diminuir as barreiras da inclusão face ao ensino de alunos com deficiência.

Quando inqueridos quanto à experiência com alunos com deficiência 61,8% dos docentes confirmaram possuir experiência com aluno com deficiência em suas aulas no curso de Educação Física (tabela 3). O ingresso de alunos com deficiência na educação superior é uma discussão que tem tomado força na sociedade e nos meios acadêmicos nos últimos anos, principalmente decorrente dos dados apresentados no parágrafo anterior. Porém, não basta que esse aluno ingresse na universidade. É necessário que o mesmo permaneça e, principalmente, tenha acesso ao conhecimento, consiga apropriar-se dele e con-

cluír com êxito esse processo de formação. Para que esse processo ocorra com sucesso, algumas medidas se fazem necessárias, entre elas: formação de professores, criação e adaptação de recursos pedagógicos, reformulação do currículo, adaptação das estruturas arquitetônicas, entre outras.

Por outro lado, 30,3% (n=23) docentes se classificaram Sem Experiência para o ensino de alunos com deficiência (tabela 6).

As atitudes dos docentes têm um papel fundamental no processo de ensino aprendizagem do aluno com deficiência. Contudo, nem sempre o professor possui uma predisposição favorável para trabalhar com estes alunos. "Las actitudes pueden suponer, para las personas con discapacidad, mayores barreras que las derivadas de su propia deficiencia, influyendo enormemente en su adaptación a los diferentes contextos" <sup>13</sup>.

A inclusão é um processo desafiador e que requer a contribuição de todos os envolvidos para que ela aconteça com igualdade e de forma eficaz. No contexto atual torna-se, portanto, necessário refletir e problematizar a formação dos professores universitários bem como suas experiências profissionais diante do ensino de alunos com deficiência.

Libâneo <sup>14</sup> argumenta que a urgência de se contar com professores mais bem preparados, capazes de lidar com a diversidade de perfis de alunos que, à luz da nova sociedade, dos conhecimentos ora requeridos e dos muitos e variados universos culturais de seus alunos, consigam oferecer um ensino de melhor qualidade.

No que diz respeito à competência percebida 59,2% (n=45) docentes consideravam-se Com Alguma Competência para intervir com alunos com deficiência nas suas aulas de Educação Física (tabela 7)

Relativamente a competência percebida verificamos que, embora 59,2% dos docentes se sentissem com alguma competência diante do ensino de alunos com deficiência, isso não é o bastante e mesmo um grande o número de professores universitários reconhecessem a necessidade de conhecimentos e habilidades pedagógicas para o desempenho adequado da função docente<sup>15</sup>. Entretanto, fica evidente que mesmo com a formação existente ainda se faz necessários cursos de formações continuadas para aperfeiçoar a prática docente além de uma reforma no currículo e nos conteúdos que fazem parte da graduação destes docentes.

## **CONCLUSÃO**

Constatamos com esse estudo o quanto é importante a formação de professores para a construção da inclusão. Ficou evidente que os docentes do ensino superior, ainda em grande número se sentem, de fato, despreparados para o ensino dos alunos com deficiência nos cursos de Educação Física da Educação Superior.

A formação do docente da educação superior é ainda agravada pela inexistência de um amparo legal em âmbito nacional que estimule a formação pedagógica dos professores de ensino superior, situação que, ao mesmo tempo, reflete e regulamenta a crença da não necessidade de que esta formação seja oferecida.

É preciso que haja um comprometimento desses professores com seus alunos, além de uma reforma no currículo e nos conteúdos que fazem parte da graduação destes docentes. O que se pode concluir até aqui é que o Brasil ainda precisa avançar muito no que diz respeito às condições de poder dar conta de oferecer educação em nível superior para um contingente maior de sua população, em especial, aos alunos com deficiência.

Acreditamos que a superação da cultura de negação da necessidade de formação pedagógica para a atuação docente no ensino superior passaria necessariamente por mudanças na concepção dos professores já atuantes em nossas Instituições de Ensino Superior, pois é através do corpo docente atualmente em exercício que as novas gerações de professores são formadas e as políticas educativas elaboradas e concretizadas.

A educação inclusiva só será efetivada se o sistema educacional for renovado, modernizado, abrangendo ações pedagógicas, porque a inclusão é desafiadora e os docentes na universidade devem fazer parte dessa mudança.

Sabemos que a inclusão é um processo que não está finalizado, mas que, coletivamente, pode ser enfrentado. Uma universidade com atitudes inclusivas é um grande desafio: sugere a desestabilização do instituído e o reconhecimento de que nossa sociedade é matizada pela diversidade, pela diferença, e que o ser humano é pluralidade e não uniformidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES

## REFERÊNCIAS

1. CUNHA, M. I. A educação superior e o campo da pedagogia universitária: legitimidade e desafios. In: CUNHA, M. I. (Org.) Trajetórias e lugares de formação da docência universitária: perspectiva individual ao espaço institucional. Araraquara, SP: Junqueira&Marin; Brasília, DF: CAPES: CNPq, 2010.
2. ZANCHET, Beatriz Maria Boéssio Atrib Zanchet; FELDKERCHER, Nadiane; STIVANIN, Neridiana Fabia; SOUZA, Helena Beatriz Mascarenhas; RIBEIRO, Gabriela Machado; BORGES, Francine; RODRIGUES, Maiara. Docente universitário iniciantes: preparação profissional e qualidade da educação superior. In: CUNHA, Maria Isabel, organizadora. Qualidade da graduação: a relação entre ensino, pesquisa e extensão e o desenvolvimento profissional docente. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2012b.
3. SOUZA, W. C. A inclusão do educando com deficiência na escola pública municipal de goiânia: o discurso dos professores de Educação Física. In: Congresso Brasileiro de Educação Especial, 3, 2008, São Carlos. Anais..., 2008.
4. BRASIL. Conselho Federal de Educação. Resolução 03/87. Brasília: CFE, 1987.
5. ZANCHET, Beatriz Maria B. Atrib; FAGUNDES, Maurício Cesar V.; VIGHI, Catia Simone; CARRENO, Leidne Syste; FACIN, Helenara; AMARAL, Luana; SILVEIRA, Tassia V. In: CUNHA, Maria Isabel, organizadora. Qualidade da graduação: a relação entre ensino, pesquisa e extensão e o desenvolvimento profissional docente. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2012a.
6. BRANCATTI, P. R. O papel da disciplina educação física para pessoas com necessidades especiais no curso de licenciatura em Educação Física da FCT/UNESP de Presidente Prudente. In: Congresso Brasileiro de Educação Especial, 3., 2008, São Carlos. Anais... 2008.
7. CRUZ, G. C. Formação continuada de professores de educação física em ambiente escolar inclusivo. - Campinas, SP: [s.n.], 2005.
8. MANTOAN, M. T. E. Igualdade e diferença na escola: como andar no fio da navalha. In ARANTES, Valéria Amorim (Org.) Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006. pg. 15-30.
9. FALKENBACH, A. P.; BATTISTELLI, G.; MEDEIROS, J.; APELLANIZ, A. A formação e a prática vivenciada dos professores de Educação Física diante da inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais na escola comum. Porto Alegre-RS. 2006. Disponível em [http://www.bdtu.ufrgs.br/tde\\_arquivos/9/TDE-2009-06-17T102514Z-1549/Publico/aAmanda.pdf](http://www.bdtu.ufrgs.br/tde_arquivos/9/TDE-2009-06-17T102514Z-1549/Publico/aAmanda.pdf). Acesso: 27 de janeiro de 2013.
10. NOGUEIRA, L. F. Z.; NOGUEIRA, E. J. Inclusão de deficientes no ensino superior e o envolvimento do trabalho docente. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL; ENCONTRO NACIONAL DOS PESQUISADORES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL, 4., 2010. São Carlos. Anais... São Carlos, 2010.
11. BRASIL. Ministério da Educação. Pós graduação lato sensu. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&id=387&Itemid=352](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=387&Itemid=352). Acesso em: 28/01/2014.
12. CASTANHO, D. M.; FREITAS, S. N. Inclusão e prática docente no ensino superior. Rev. do Centro de Educação. 2005. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista/ceesp/2006/01/a6.htm>. Acesso em: 19 ago. 2010.
13. MARTIN, M.A.M; LEÓN, B.C.M. Los docentes de La universidad de burgos y su actitud hacia las personas con discapacidad. Revista Española sobre Discapacidad Intelectual, Burgos, v.42 (4), n.240/2011, p. 50-78, 3 nov.2011.
14. LIBÂNEO, J. C. Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente. 12 ed. - São Paulo: Cortez, 2010.
15. GIL, A. C. Metodologia do ensino superior. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

## AUTORES:

Adilson Rocha Ferreira <sup>1</sup>  
Adriane de Deus <sup>1</sup>  
Átila Raphaela M. Peixoto <sup>1</sup>  
Heverton B. da Rocha <sup>1</sup>  
Leonéia Vitória Santiago <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Esportes (GEPEXE), Universidade Federal de Alagoas, Brasil

## Os sentidos de atividade física na cidade de Maceió

5460

## PALAVRAS CHAVE:

Representações. Sentidos atribuídos. Teoria do *habitus*. Atividade física.

## RESUMO

A prática de atividade física está diretamente relacionada aos cuidados com o corpo, com o bem-estar físico e mental e com a qualidade de vida. Também pode estar relacionada à socialização, à interação com os outros e como motivadora para as atividades da vida diária. Nesse contexto, a teoria do *habitus* apresenta a relação entre os comportamentos dos indivíduos e a existência de um campo para o desenvolvimento de seus hábitos, de suas ações, sejam eles de esporte ou de atividade física. A teoria das representações sociais trata o conhecimento do senso comum como científico, estruturado de uma maneira diferente, a partir de discursos de sujeitos, identificados, interpretados e analisados adequadamente. A partir dessas representações as categorias oriundas das entrevistas foram classificadas em saúde, movimento e esporte. Estas, por sua vez, foram as representações dos sujeitos sobre atividade física.

Correspondência: Adilson Rocha Ferreira. Curso de Educação Física – Bacharelado/ GEPEXE, Universidade Federal de Alagoas, Brasil. (adilson.roch@hotmail.com).